



A Relação Entre o Suicídio e a Internet: O Fenômeno do ‘Suicídio.com’¹

Ana Luisa COSTA²

Faculdade de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa

Resumo

Desde meados de 2005, observou-se o surgimento de um fenômeno absurdo, que se encontra cada vez mais crescente: Os suicídios online. Jovens de todo o mundo encontram-se em sites específicos, aonde discutem métodos eficazes para o suicídio, aplicando-os para que todos possam acompanhar a morte em tempo real, via webcam. Tais sites chegam a ter acesso de 900 pessoas por mês. O objetivo desse trabalho é apresentar uma discussão acerca das consequências nefastas da internet, da globalização e do compartilhamento de tantas informações, por mentes que nem sempre estão preparadas para recebê-las. Artigo realizado com base nas discussões de globalização de Renato Ortiz e Muniz Sodré, além de informacionalismo e funcionamento em rede, de Manuel Castells.

Palavras-chave

Suicídio; Internet; Globalização; Informacionalismo.

Introdução

Mais do que um conglomerado de redes, a internet é uma teia de informações, sendo possível encontrar círculos dos mais diversos assuntos e conhecimentos existentes.

Para muitos, o principal fruto da globalização é a internet, que distribuiu extenso fluxo de interação, troca de informações e perfusão de hábitos antes restritos a uma única cultura.

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação, 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFV - MG, email: ana.lopes@ufv.br

Na introdução do texto “Mundialização e Cultura” (ORTIZ, 2007), o autor sustenta que existe um constante processo de globalização em curso, pois é visível a emergência de uma sociedade global.



“O processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais. Com a emergência de uma sociedade globalizada, a totalidade cultural remodela portanto, sem a necessidade de raciocinarmos a ‘situação’ na qual se encontravam as múltiplas particularidades” (ORTIZ, 2007, p. 30-31)

O autor abrange todas as teias globais, sendo a internet uma das mais importantes. A internet traz o acesso livre e imediato ao mundo, rompe barreiras e insere-se, cada vez com mais intensidade, no paradigma da atual geração.

A “febre” dos seriados americanos no mundo (Especialmente no Brasil) teve como estopim a difusão virtual, pois a maior parte dos fãs não conheceram os seriados pela televisão. Nem todos dispõem de renda para pagar uma tevê a cabo, ou não têm isso como prioridade, enquanto a internet abrange uma quantidade maior de consumidores.

“TEERÃ, Irã, 3 Mar 2009 (AFP) - Os iranianos estão descobrindo a mania de acompanhar séries televisivas americanas que têm tão pouco a ver com sua cultura e, principalmente, com as rígidas regras de sua religião. A iraniana Ehsan, por exemplo, admite que se diverte com as trapalhadas dos amigos Ross e Joey, de "Friends", em suas tentativas de seduzir uma mulher.

‘Comecei a ver a série para melhorar meu inglês’, conta a jovem estudante de 23 anos, filha de uma família religiosa conservadora. ‘Eles mostram a vida cotidiana dos jovens americanos de uma forma diferente do cinema. Algumas pessoas acompanham pela televisão por satélite, mas é fácil encontrar as séries em DVD ou então baixar no meu computador’, comenta”. (Da France Presse, 2009)

1. Informacionalismo em escala global

Como transparece o autor do texto citado anteriormente (ORTIZ, 1994), a juventude começa a consumir e passa a ditar o consumo. E esse consumo não tange apenas o material, mas as linhas de pensamento, hábitos e idéias.

A internet trouxe a possibilidade de comunicação com qualquer outra pessoa, em qualquer parte do mundo, e em tempo real. Como consequência, padrões e comportamentos são distribuídos de forma descomedida.

Como já definia Muniz Sodré,

“Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, tornados possíveis pelas teletecnologias – globalização é, portanto, um outro nome para a ‘teledistribuição’ mundial de um determinado padrão de pessoas, coisas e, principalmente, informações” (SODRÉ, 2003: p 22)



As influências são maiores do que se imagina, principalmente no que diz respeito ao jovem.

A garota com baixa auto estima e problemas de peso encontrará incontáveis sites e blogs pró-anorexia/bulimia na rede, com troca de informações, dicas e técnicas para prosseguir nesse estilo de vida e não levantar suspeitas (“Na hora do jantar, vá tomar banho. Depois, diga que vai comer no quarto e jogue a comida fora”. “Quando bater a fome, tome sorvete, que sai com mais facilidade na hora do vômito”).

O homem pedófilo, que há 30 anos atrás encontrava mais dificuldades para dar vazão à sua doença, colecionar suas fantasias e praticar seus atos maléficos, hoje em dia pode interagir com outros homens iguais à ele, compartilhar arquivos de pornografia infantil, trocar “figurinhas” acerca de locais de prostituição infantil, vídeos, etc.

2. Influência coibitiva: O ponto em que se inicia um grande conflito.

Para quem procura mais anonimato e menos restrições, existe ainda a Deep Web, também chamada de Web Profunda, Dark Web ou Invisible Web. Trata-se da web cujo conteúdo não aparece na internet convencional, não aparece nos sites de busca. É uma internet secreta, com conteúdo anônimo e livre. Lá existem até mesmo sites onde é possível contratar assassinos de aluguel, e fóruns onde aonde necrófilos compartilham vídeos caseiros.

A Deep Web é um exemplo do ponto á que chegou a troca simultânea de arquivos, dados e sistemas. Uma realidade que há alguns anos atrás não existia.

Porém, mesmo a internet tradicional possui seus pontos negros. Existem sites abertos que incentivam jovens a se matar, e aonde os usuários trocam mensagens deixadas por suicidas, fotos de mortos, vídeos de suicídio ao-vivo e outros conteúdos mórbidos.

3. Depois do Começo: O suicídio em teoria

O trabalho de sociólogos como Émile Durkheim mostrou que a alienação e a falta de propósito ligadas à vida moderna incentivariam o suicídio.

“Poderia se dar que a tendências para o suicídio se remetesse em parte a constituição do individuo,sem depender especialmente dos estados anormais que passamos em revista.A tendência poderia consistir em fenômenos puramente psíquicos, sem estar necessariamente ligada a



perversões do sistema nervoso. Por que não poderia haver nos homens uma tendência a dar um fim á existência que não fossem uma monomania ou uma forma de alienação mental ou de neurastenia? A proposição poderia ser aceita como demonstrada se, como o admitiram vários suicidógrafos, cada raça tivesse a sua própria taxa de suicídios, pois uma raça só se define e diferencia das demais por caracteres orgânico-psíquicos. Portanto, se o suicídio realmente variasse de acordo com as raças seria necessário reconhecer a existência de alguma disposição orgânica da qual ele fosse estreitamente solidário. Mas existirá tal relação?” (DURKHEIM, 2008, p. 63 – 64)

O estabelecimento da psiquiatria como uma disciplina independente jogou luz em fenômenos como a melancolia, a histeria e a depressão. Cerca de 90% dos suicídios estão relacionados a problemas psiquiátricos, segundo alguns estudos. A partir daí, o suicídio passou a ser visto como fruto de uma condição psicológica e social, não mais como resultado da vontade livre de um indivíduo (Durkheim, ‘O Suicídio’, 1897).

O suicídio é, segundo Durkheim, “todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado”. Conforme o sociólogo, cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias, e o que interessa à sociologia sobre o suicídio é a análise de todo o processo social, dos fatores sociais que agem não sobre os indivíduos isolados, mas sobre o grupo, sobre o conjunto da sociedade. Cada sociedade possui, a cada momento da sua história, uma atitude definida em relação ao suicídio. Há três tipos de suicídio, segundo a etimologia de Émile do autor, a saber:

Suicídio Egoísta: é aquele em que o ego individual se afirma demasiadamente face ao ego social, ou seja, há uma individualização desmesurada. As relações entre os indivíduos e a sociedade se afrouxam fazendo com que o indivíduo não veja mais sentido na vida, não tenha mais razão para viver;

Suicídio Altruísta: é aquele no qual o indivíduo sente-se no dever de fazê-lo para se desembaraçar de uma vida insuportável. É aquele em que o ego não o pertence, confunde-se com outra coisa que se situa fora de si mesmo, isto é, em um dos grupos a que o indivíduo pertence. Temos como exemplo os kamikazes japoneses, os muçulmanos que colidiram com o World Trade Center em Nova Iorque, em 2001, etc.;



Suicídio Anômico: é aquele que ocorre em uma situação de *anomia* social, ou seja, quando há ausência de regras na sociedade, gerando o caos, fazendo com que a normalidade social não seja mantida. Em uma situação de crise econômica, por exemplo, na qual há uma completa desregulação das regras normais da sociedade, certos indivíduos ficam em uma situação inferior a que ocupavam anteriormente. Assim, há uma perda brusca de riquezas e poder, fazendo com que, por isso mesmo, os índices desse tipo de suicídio aumentem. É importante ressaltar que as taxas de suicídio altruísta são maiores em países ricos, pois os pobres conseguem lidar melhor com as situações.

Desse modo, ficam especificados os tipos de suicídios e suas causas, que são, segundo Durkheim, sempre sociais.

4. Suicídio.com

Segundo estudo feito por pesquisadores das universidades de Bristol, Manchester e Oxford, no Reino Unido, e publicado no *British Medical Journal*; a busca de informações na internet acerca de suicídio traz um resultado lastimável: Há mais sites que encorajam o ato do que aqueles que tentam dissuadi-lo e oferecer apoio.

Já foram realizados alguns trabalhos apontando como reportagens publicadas pela imprensa influenciam o comportamento do suicida, ou do depressivo que às vezes pensa sobre a possibilidade do ato. Já era de conhecimento extenso que essa situação de influência ocorria com reportagens publicadas pela imprensa, além da abordagem feita por programas de televisão. Mas antes desse estudo realizado pelos pesquisadores americanos e ingleses, pouco se sabia sobre o impacto dessa temática na internet. O que não é uma grande surpresa, visto que a internet é presença interminável na vida de todos, e as influências que gera são incontáveis.

Os cientistas britânicos realizaram diversas buscas na tentativa de replicar o uso típico de um indivíduo que procurasse pelo tema suicídio na Internet. Foram utilizados quatro serviços de busca populares: Google, Yahoo, MSN e Ask.

Em seguida, os autores empregaram 12 diferentes termos e analisaram os dez primeiros sites retornados por cada uma das ferramentas de busca. Do total de 480 sites, um pouco menos da metade trazia informações sobre métodos usados em suicídios.



Desses sites com informações, 90 eram de sites dedicados principalmente ao suicídio, sendo que metade deles, segundo os autores, "encorajava, promovia ou facilitava" o ato. Dos 480 sites, 43 continham relatos de métodos usados em suicídios e discutiam prós e contras de cada um deles, sendo que dois deles retratavam o suicídio como se fosse moda.

Foram encontradas ainda 12 salas de bate-papo ou fóruns de discussão que abordavam métodos usados em suicídios. Somando-se todos os sites analisados, 62 (13%) estavam centrados no apoio da prática suicida e 59 (12%) desencorajavam o ato (BIDDLE, 2008).

Os pesquisadores verificaram que quase todos os sites dedicados ao suicídio forneciam informações sobre os melhores métodos. Mas o mesmo tipo de informação foi encontrado em um quinto das páginas de apoio e prevenção, em 55% dos sites de pesquisa e de organizações que lidam com o tema e na totalidade dos textos publicados sobre o assunto em serviços noticiosos.

Os três sites (Alt Suicide Holliday, Satan Service e Suicide Methods) mais populares eram os mesmos com a maior quantidade de informações a favor do suicídio, entre as quais métodos, velocidade, exatidão e até mesmo a quantidade de dor esperada em cada uma das alternativas.

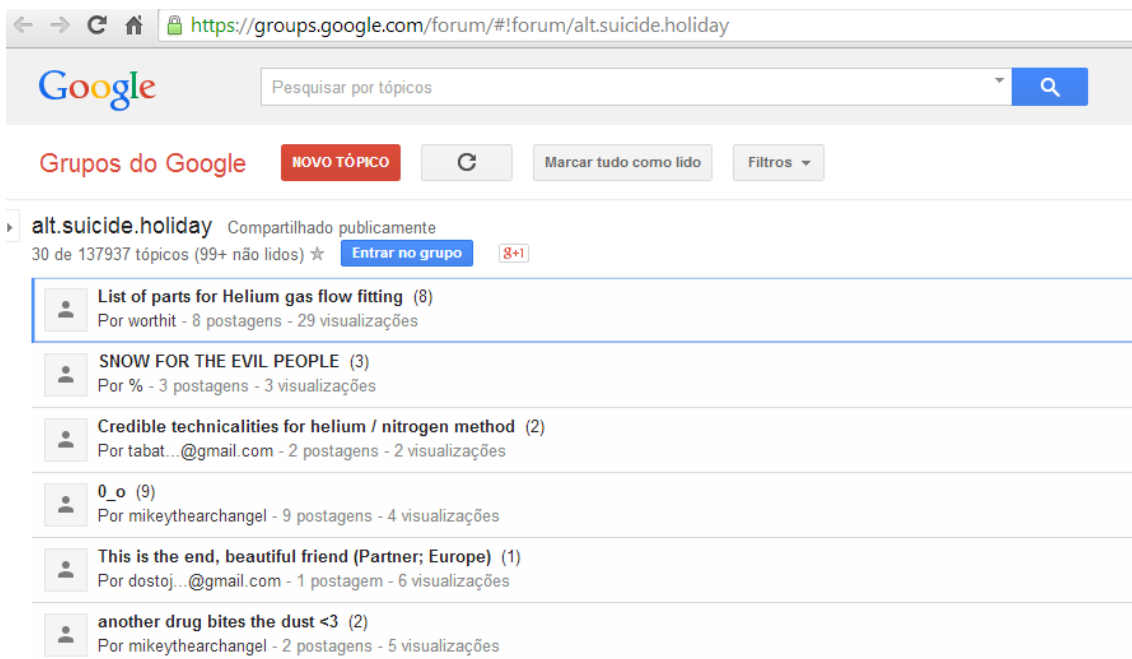


Figura 1: Print screen do grupo Alt Suicide Holiday



Para tentar diminuir o possível efeito danoso dos sites que advogam o suicídio, os autores do estudo sugerem a regulação dos provedores de internet e o uso, pelos países, de programas que filtrem páginas de Internet (BIDDLE, 2008: p 1 - 2).

Esta pesquisa mostra que é extremamente fácil obter informações técnicas detalhadas sobre métodos de suicídio, não apenas a partir de sites suicidas que causam preocupações, mas também sites “normais” como a Wikipedia.

Entretanto, destacam que "qualquer tentativa de controlar a promoção do suicídio precisa levar em consideração o equilíbrio entre liberdade de expressão, a proteção ao público e a natureza global da Internet" (BIDDLE, 2008: p 2). Ninguém morre acompanhado. Os suicidas, especialmente, morrem ainda mais sós. Porque experimentam uma morte lenta e progressiva, que parte de um pequeno pensamento e vai tomando forma. Muitas vezes esse processo é lento. Mas quando é compartilhado com outras pessoas que pretendem fazer o mesmo e estimulam o ato, então pode ser muito mais rápido. Uma pessoa que se encontra triste e vulnerável pode ter acesso à essas informações e se sentir especialmente motivada.

Porém, falar do suicídio não aumenta o suicídio. O que aumenta é o modo como se fala sobre ele. Apresentar casos e fatos concretos sobre suicidas, vangloriá-los (Como ocorreu ao músico Kurt Cobain), são formas de incentivo para alguém emocionalmente instável e deprimido.

Os adolescentes são muito suscetíveis, e é recomendável que os pais acompanhem os passos de seus filhos na web, seus interesses e sites que visitam regularmente. Computador no quarto também não é o ideal. Privacidade é importante, mas com limite.

Observa-se uma nova modalidade de suicídio nesta virada do século. Aqueles que são anunciados nas redes sociais. Em vez da carta-testamento ou do bilhete, o Facebook, Instagram e Twitter são utilizados.

São diversos os motivos que levam os jovens a recorrer à superexposição na internet e redes sociais, comportamento que pode ser denominado pela Psicologia como Exibicionismo ou Voyerismo. Há a necessidade do jovens sentir que é visto, poder marcar sua existência e assinalar que não é invisível, anônimo, desconhecido e “sem importância.

A jovem Julia Rebeca, de Parnaíba – PI prometeu seu suicídio no Twitter, em novembro de 2013. Aparentemente ela deixou suas contas abertas intencionalmente, pois após sua



morte um primo assumiu o controle das postagens, cheias de ‘likes’ e mensagens de todo o país.

O motivo da morte também envolve a rede: A jovem cometeu suicídio após ter um vídeo íntimo compartilhado na internet. O caso levantou polêmica sobre danos causados pelo uso precipitado de novas ferramentas de comunicação. As imagens do vídeo de sexo que ela gravou com uma garota e um rapaz, ambos menores de idade, foram distribuídas pelo Whatsapp na cidade. Envergonhada após o compartilhamento do vídeo, ela se despediu da mãe em uma rede social: “Eu te amo, desculpa eu n ser a filha perfeita, mas eu tentei.. desculpa, eu te amo muito”. Antes, ela havia publicado a seguinte mensagem: “É daqui a pouco que tudo acaba”. A última mensagem deixada na rede foi: “Tô com medo, mas acho que é tchau pra sempre”. Diversos casos de suicídio são noticiados, de jovens que tiveram vídeos íntimos divulgados na internet e Whatsapp. A facilidade de se encontrar em sites e fóruns uma diversidade de conteúdos de colaboração e apoio ao ato de suicídio também é um dos pontos chave.

Um rapaz gaúcho de 16 anos chamado Vinícius Gageiro Marques tinha seu próprio computador no quarto. A criação dos pais sempre foi de muito respeito ao seu próprio espaço.

Na internet, o garoto vivia uma segunda vida: Denominava-se ‘Yoñlu’, e postava as músicas que compunha e tocava em fóruns de cultura e artes, além de seus desenhos e fotografias. Era um jovem artista, e os comentários elogiosos vinham do mundo todo.

Porém, toda a sua obra era expressa pela tristeza e angústia que lhe corroía. Tudo isso era visível em suas composições.

No dia 26 de julho de 2006, em casa, matou-se enquanto os pais estavam fora. Trancou-se no banheiro de casa com duas churrasqueiras acesas, e exalou o monóxido de carbono que lhe expeliu a vida, a genialidade e o grande futuro que lhe aguardava.

A morte de Vinícius/Yoñlu não ocorreu sem causa aparente. Grande parte deve-se à depressão, mas a maior parte deve ser atribuída aos sites que freqüentava. O acesso ao histórico do computador do garoto revelou que ele era membro assíduo de um fórum americano de suicídio, e foi nele que postou suas últimas mensagens, dizendo que havia acendido duas grelhas no banheiro e como deveria proceder para desmaiar e morrer de forma pouco dolorosa. Em poucos minutos foi respondido (Um dos membros era ex-



bombeiro e informou-lhe que deveria enrolar-se em um pano molhado para suportar o calor até o momento da morte), e dali há pouco o ato havia se consumado.

Este foi o primeiro caso conhecido no Brasil, do que se convém chamar de “Suicídio.com”, um fenômeno que se alastra devastadoramente.

A multiplicidade de pró-suicídio e informação disponível online, a facilidade com que isso é encontrado, somado à implicação de que a internet representa a principal fonte de conhecimento para jovens, é uma das causas da extrema procura das pessoas por métodos confiáveis para a tomada de suas próprias vidas.

Situações que antes eram pessoais e restritas, com a ascensão da internet tornaram-se públicas, escancaradas. Em 2010 um jovem sueco chamado Marcus Jannes enforcou-se na frente de uma webcam. Ele anunciou o suicídio em um fórum, e programou a webcam para uma conexão via FTP. Assim, tudo que a webcam captava, era transmitido para quem estava conectado ao FTP configurado. No vídeo, se vê desde o suicídio até o atendimento dos paramédicos, sem sucesso algum

Além de conectar a difusão de processos de suicídio entre os países e sociedades, a internet tem desempenhado até mesmo a formação de pactos de suicídio, como retratam jornalistas da Revista Época (14/02/08), que visitaram o fórum de suicídio freqüentado por Vinícius Gageiro:

“fkd up: Eu estou planejando cozinhar N* e injetar na veia.

axlgu: Não funciona. Eu já fiz isso.

Samantha: Se você quer companhia, eu gostaria de ir. O remédio N* é minha primeira opção. Eu estava esperando para viajar com alguém. Estou reunindo os ingredientes para o coquetel de A*. É fácil achar esses remédios on-line. Só não sei se vai funcionar. Mas isso vai me custar US\$ 300.

JohnnieR: Sam, estou tentando organizar um grupo de três ou quatro pessoas. Você será mais do que bem-vinda.

angrygirl13: Me corto e me queimo desde os 11 anos. Me corto quase todos os dias. Tenho um filho menor de idade, então eu não posso ir em frente agora... Mas todos os segundos, todos os dias, eu penso na morte.

tanhkx: Se alguém parar de comer, em quanto tempo morrerá? Provavelmente a pessoa vai ficar cega primeiro, certo? Por causa da falta de vitamina A, eu acho.

avalanche: Isso não funciona. Você só vai acabar hospitalizado.

angrygirl13: Meu amigo acabou de tentar se enforcar. Ele estava num programa de prevenção ao suicídio e o deixaram ir ao banheiro sozinho. Mas o lugar não era alto o suficiente para arrebentar o pescoço dele.

kat: Estava postando e notei a resposta de um policial. Devo ficar preocupada se ele estiver me rastreando? Que diabos um policial está



fazendo neste site? Talvez ele seja suicida também. Se ele for policial, eu gostaria que atirasse na m... da minha cara.

squidthings: Uma vez, policiais apareceram on-line e tentaram me salvar. Chamaram o 911 e a polícia apareceu na minha casa. Você precisa ter cuidado com quem fala antes de morrer”. (BRUM, AZEVEDO, 2008)

“Somente em 2005, 91 pessoas, a maioria entre 20 e 30 anos, suicidaram-se no Japão, estimuladas por sites na internet. Apenas em um mês, março de 2006, houveram três casos de *suicídios coletivos* combinados em fóruns virtuais no país: 13 internautas morreram. Em 2007, 14 jovens da região de Bridgend, no sul do País de Gales, se mataram. Alguns deles estavam ligados por um site de relacionamento que difundia uma idéia “romântica” do suicídio. O mais velho tinha 26 anos. Nos últimos seis anos, a *Papyrus*, entidade dedicada à prevenção do suicídio, registrou 27 mortes incentivadas pela internet apenas na Grã-Bretanha”. (BRUM; AZEVEDO, 2008)

Os suicídios combinados via web começaram a aparecer a partir de 2003. Os dados de que a polícia dispõe, apontam que – até recentemente – 38 vítimas suicidaram-se, após prévios acordos definidos pela via virtual. Em vista disso, as autoridades solicitaram às administradoras dos provedores da Internet, que lhes forneçam informações sobre quem dissemina propostas de suicídio, via tal veículo de comunicação. A polícia revelou ainda que a tendência ao suicídio combinado não pára de crescer.

“O jornalista Shibui Tetsu, especialista nessa área, tem a seguinte visão: ‘Quem deseja se suicidar, não quer correr o risco de sofrer por causa de possíveis falhas no plano. Se está decididamente determinado a tirar a própria vida, deseja chegar-se a cúmplices que possam dar uma mão, preparar estufas portáteis ou instrumentos do gênero, para garantir a segurança do resultado. Nasceu assim um site de informação para potenciais suicidas. E os que respondem ao convite, ao se agregarem – ainda que não estejam seriamente determinados a isso – dominados pela vontade dos mais decididos ao suicídio, não têm a menor chance de voltar atrás’ “ (CAZZANIGA, 2010)

5. Auto-destruição: Mundialização em escala

Passam-se dias, inventam-se novos métodos.

A queima de carvão em ambiente fechado surgiu em Hong Kong, se espalhou para Macau, China continental, Taiwan, Japão, Nova Zelândia, e recentemente os Estados Unidos.

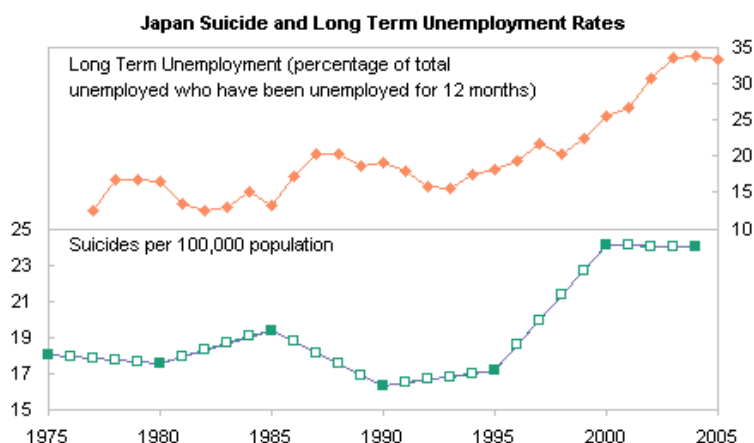


Figura 2: Índice de suicídio no Japão

A primeira vítima de suicídio por queima de carvão em Taiwan explicitamente afirmou que soube do método a partir do website de Hong Kong, que havia noticiado a morte de um jovem.

Quando se iniciou um estudo sobre suicídio via queima de carvão em 2002, apenas um site descrevia o método. Em 2011, uma busca no Google ultrapassa os 87.900 hits.

Suicídio por queima de carvão pode representar uma séria ameaça à saúde pública por várias razões. O método tem demonstrado a sua capacidade de se espalhar a partir de uma sociedade para outra.

A equivocada e glamourosa novidade, que reproduz uma morte rápida e indolor, implicou em uma rápida proliferação do método dentro de uma sociedade. Uma vez que um "surto" começa, é difícil parar. Isto porque churrasco é uma atividade de lazer comum, portanto carvão vegetal é amplamente disponível em supermercados e lojas de conveniência.

Suicídios com restrição à disponibilidade de meios, com produtos difíceis de se obter ou com efeitos considerados extremamente dolorosos, raramente são cogitados.

É primordial haver pesquisas públicas frequentes acerca de a condição psicológica da população de cada cidade, e investimento por parte do governo na saúde psíquica, para a manutenção de uma sociedade saudável.

Com a disseminação progressiva e a praga de suicídios por carvão queimando em Hong Kong, Taiwan e Japão, é hora de re-examinar a questão mais crítica, e mesmo analisar a possibilidade de o carvão tornar-se menos acessível, enquanto



avaliações da saúde psicológica de a população apontarem grandes índices de depressão e vulnerabilidade.

O método de inalação do monóxido de carbono por queima de carvão, e pactos suicidas realizados em fóruns virtuais são exemplos de como a globalização e a era cibernética estão criando novos desafios para a saúde global.

Esforço conjunto e experiência da comunidade internacional são urgentes nesse momento.

Cabe esclarecer que, embora a internet forneça inegavelmente muita informação sobre métodos de suicídio cometido, a evidência para uma associação entre os níveis de uso da internet por si só e a idealização + ação de suicídio são escassas. Um extremo cuidado deve ser tomado, tendo em visão a tendência geral do público que interpreta mal os danos relatados de internet, e enxergam apenas o lado glorioso do suicídio – Livrar-se dos problemas, suprimir as angústias, tornar-se livre.

Em um estudo com 2.433 estudantes universitários anônimos em Hong Kong, descobriu-se (Jean H. Kim, Professor da *The Chinese University of Hong Kong* – 2008) que os 4% de estudantes que relataram idealização suicida tinha níveis praticamente idênticos do uso da internet (2,8 horas / dia) com os alunos sem idealização suicida. De usuários de internet pesados (Mais de 4 horas por dia), 4,0% tinham ocasionais desejos de suicídio, um número comparável ao de 4,3% casuais usuários de internet (Mais de 1 hora por dia). Além disso, não houve diferença estatisticamente significativa na proporção de alunos com idealização suicida que houvessem, em algum momento, se envolvido em bate-papo online (66,7%) ou tivessem visitado páginas virtuais (67,8%) nos últimos 7 dias, contra os estudantes emocionante “normais” (70%, 60,1%, respectivamente).

Embora o conteúdo real de essas atividades on-line seja desconhecido, deve-se notar que entre os universitários estudantes em Hong Kong, não existe nenhuma evidência de uma correlação entre idealização suicida e tempo gasto online.

Conclusão

É difícil fazer uma premissa sem informações sobre o propósito das visitas online para sites de suicídio. Como é praticamente impossível diferenciar os visitantes (Podem ser suicidas potenciais ou apenas jovens atraídos por mórbida curiosidade, tédio, humor



disfórico ou mesmo interesse acadêmico daqueles com reais intenções suicidas). Isso deve ser levado em conta na interpretação dos resultados.

Tentativas de suicídio nem sempre expressam doença mental subjacente, e fatores sociais e individuais podem exercer papel decisivo. Assim, estudos clínicos e epidemiológicos concernentes ao suicídio deveriam se basear em conceitos mais sólidos.

Estatisticamente, em todo o mundo, a cada 40 segundos, alguém tira a própria vida.

Sem a internet, uma teia global, um local para apuração de técnicas de suicídio e compartilhamento de desejos mórbidos, todas essas pessoas teriam executado o ato de suas próprias mortes? Eis o questionamento que não se cala.

Referências bibliográficas

BIDDLE, Lucy. Suicide And The Internet. **BMJ Journal**. Disponível em: <<http://www.bmj.com/content/336/7648/800>>. Acessado em 31 out. 2011

BRUM, Eliane. AZEVEDO, Solange. Suicídio.com. Revista Epoca, São Paulo, v.2, n. 2, p. 27 – 30. fev. 2008.

CASTELLS, Manuel. A Nova Economia: Informacionalismo, Globalização, Funcionamento em Rede. In: **A Sociedade em Rede**. 7ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 119 – 173.

CAZZANIGA, Pino. Jovens Suicidas Via Internet. **Revista Mundo e Ação**. Disponível em: <<http://www.pime.org.br/mundoemissao/jovenssuicidas.htm>>. Acessado em 01 nov. 2011

DURKHEIM, Émile. O Suicídio. São Paulo, Martin Claret, 2008.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. 9ª Ed. São Paulo: Braziliense, 2007.

SODRÉ, Muniz. O Globalismo Como Neobarbárie. In: MORAES, Denis De (org). Por Uma Outra Comunicação – Mídia, Mundialização Cultural e Poder. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, p. 21 – 40.